

O “sentido prático” e as lógicas relacionais do voleibol em território brasileiro

The “practical sense” and the relational logics of volleyball in Brazilian territory

El “sentido práctico” y las lógicas relacionales del voleibol en Brasil

ALESSANDRA WEISS FERRAZ DE OLIVEIRA¹; WANDERLEY MARCHI JÚNIOR²
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, UFPR, CURITIBA-PR, BRASIL

RESUMO

O presente ensaio problematiza como ocorreu a “comercialização do objeto de consumo” voleibol e se a sua consagração no território brasileiro tem relação com o sentido proporcionado pela prática de consumo disposta pela gênese da modalidade nos EUA. À luz do referencial metodológico bourdieusiano, o sujeito ao entrar em contato com esse objeto materializa o sentido proporcionado pela prática e transforma o esporte em um produto útil para a sociedade, que passa a servir de distinção e confere a determinada classe poder na estrutura social. Simbolicamente, o esporte recebe um valor, um “sentido prático” a ser comercializado. Pensando sobre esse contexto, recorreremos à teoria para analisar o surgimento, a cultura e a necessidade que permitiram criar o voleibol. Em síntese, no âmbito internacional e nacional, o voleibol esteve condicionado às instituições e agentes específicos detentores de capital, que representavam a elite social e utilizavam o esporte como instrumento de consumo.

Palavras-chave: Voleibol. Pierre Bourdieu. Comercialização. Consumo. Distinção.

ABSTRACT

This essay questions how the “commercialization of the consumer object” of volleyball occurred and if its consecration in the Brazilian territory is related to the meaning provided by the practice of consumption provided by the genesis of the sport in the USA. In the light of the Bourdieusian methodological reference, the subject, when coming into contact with this object, materializes the meaning provided by the practice and transforms sport into a useful product for society, which becomes a distinction and gives a certain class power in the social structure. Symbolically, sport receives a value, a “practical sense” to be commercialized. Thinking about this context, we turned to theory to analyze the emergence, the culture, and the need that made it possible to create volleyball. In synthesis, at the international and national levels, volleyball was conditioned to specific institutions and agents with capital, who represented the social elite and used the sport as an instrument of consumption.

Keywords: Volleyball. Pierre Bourdieu. Commercialization. Consumer. Distinction.

RESUMEN

El presente ensayo cuestiona cómo se produjo la “comercialización del objeto de consumo” del voleibol y si su consagración en el territorio brasileño se relaciona con el significado proporcionado por la práctica del consumo dispuesto por la génesis de la modalidad en los Estados Unidos. A la luz de la referencia metodológica bourdieusiana, el sujeto, al entrar en contacto con este objeto, materializa el significado que le proporciona la práctica y transforma el deporte en un producto útil para la sociedad, que se convierte en una distinción y otorga un determinado poder de clase en la estructura social. Simbólicamente, el deporte recibe un valor, un “sentido práctico” para ser comercializado. Pensando en este contexto, recurrimos a la teoría para analizar el surgimiento, la cultura y la necesidad que hicieron posible la creación del voleibol. En síntesis, en el ámbito internacional y nacional, el voleibol estuvo condicionado a instituciones y agentes específicos que poseían capital, representaban a la élite social y utilizaban el deporte como instrumento de consumo.

Palabras clave: Voleibol. Pierre Bourdieu. Comercialización. Consumo. Distinción.

¹ Doutoranda em Educação Física pela UFPR. E-mail: aleweissferraz@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3275-5227>.

² Professor Titular da UFPR. E-mail: wmarchijr@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4911-9702>.

INTRODUÇÃO

Os produtos consumidos, entre eles, o esporte, a arte, a música e, especificamente o voleibol podem servir de exemplos para identificarmos como surge o interesse e a tomada de decisão por um objeto escolhido, que não se refere apenas à escolha, mas as disposições de um agente ou classe em seus esquemas de percepção, apreciação e ação, na constituição de uma utilidade prática do objeto em questão (BOURDIEU, 1996; 2017). Seguindo a lógica de Bourdieu (2017; 2019), existe uma relação entre a oferta e a demanda durante o consumo de produtos, na qual a oferta prevalece nas diferentes classes, isto é, nem sempre há uma demanda envolvida, mas sim, a oferta de diferentes setores que dispõe nos agentes a necessidade, propriamente dita, para usufruir determinados bens e serviços, inculcando um sentido, no qual o próprio consumidor irá contribuir para a produção do produto que consome “[...] como uma oferta destinada a encontrar uma certa demanda social” (BOURDIEU, 2019, p. 165).

No tocante desse assunto, podemos supor que um indivíduo ou grupo precise apreciar, sentir ou experimentar algo, para então constituir sua utilidade objetiva, ou seja, o seu “sentido prático” que depende da sua posição no espaço e da maneira como se apropria dos produtos de consumo em diálogo constante com o mundo social (ORTIZ, 2003). Nesta relação praxiológica ou na predisposição com o objeto se adquire o capital cultural, social, simbólico, ou mesmo econômico, que servirá de distinção e reprodução de uma certa estrutura em forma dissimulada de apropriação do conhecimento (BOURDIEU, 1996).

Diante do contexto supracitado, para Souza e Marchi Júnior (2017), esse processo sistemático é denominado pelo autor Pierre Bourdieu como *modus operandi*, quando ocorre a passagem de um objeto simbólico para seu estado prático, em outras palavras, é a exteriorização da interiorização permitindo a compreensão da lógica que opera nas leis de oferta e demanda, por exemplo, no momento em que o sujeito é influenciado pelo meio social em consonância com suas propriedades intrínsecas a escolher uma determinada modalidade esportiva. E podemos ir além, quando este mesmo sujeito influenciado pelo contexto social experimenta determinado produto que lhe confere uma posição no espaço social economicamente rentável.

Em síntese, nessa relação entre agente e objeto se encontra o que os autores chamam de ação social que “[...] não é mais considerada mera execução, mas, um núcleo de significações do mundo” (MARCHI JÚNIOR, 2004, p. 48). Complementando o raciocínio, seria a efetivação na prática do controle social imposto sob o corpo do indivíduo na sua subjetividade e resultando no comportamento (DANTAS, 2007), por conta disso, as nossas ações naturalizadas dizem muito mais sobre o mundo que nos cerca, inclusive, durante a escolha por um objeto de consumo específico.

Antes mesmo do indivíduo ter acesso a determinado objeto de consumo ou capital, neste caso o voleibol, existe uma estrutura que posiciona os atores sociais, de maneira relacional, em posições diferentes no espaço social, conhecido como um local de movimento contínuo aonde as classes existem virtualmente, de tal modo que os agentes e grupos são posicionados conforme a sua disposição (BOURDIEU, 1996). A partir de sua disposição, imposta pelas chamadas leis do campo que podem ser ocultas ou não, os indivíduos adquirem acesso aos bens de consumo que, revertidos em capitais, podem servir de recurso para a distinção e, principalmente, para a reprodução da desigualdade social (BOURDIEU, 1996).

Seja no campo esportivo, político ou educacional, as pessoas se encontram dispostas pela estrutura, regidas por leis e normativas que conduzem o seu comportamento, até que, as suas ações estejam em conformidade com o chamado *habitus* de classe, em outras palavras, é compreendido como o comportamento de um grupo ou de um indivíduo em consequências das experiências individuais em determinado contexto (ORTIZ, 2003). Contudo, os capitais

específicos conhecidos pelo seu valor no jogo, adquiridos pelos agentes de maneira relacional no espaço social nem sempre são acessíveis a todos (BOURDIEU, 2015), na verdade, o que Bourdieu parece revelar em suas obras é a condição social de apropriação dos agentes ou classes aos diferentes produtos de consumo e, por conseguinte, a existência de uma desigualdade de acesso que compactua para a permanência de determinados agentes ou classe no poder. É o que pretendemos problematizar sobre essa modalidade escolhida, a partir do seguinte tensionamento: como o “objeto de consumo” voleibol foi comercializado e se a sua consagração no território brasileiro tem relação com o sentido proporcionado pela prática de consumo disposta a funcionar conforme a gênese da modalidade nos EUA? Ao passo que se tornou com o tempo uma “febre” nacional.

Para tanto, não basta ter a oferta de bens culturais e se apropriar dos conhecimentos, condutas ou conteúdo, é preciso que exista o reconhecimento de determinado objeto nos diferentes campos e subcampos (conhecidos como espaços para a construção de um objeto em articulação e relação contínua com o meio externo e interno) (BOURDIEU, 2004) e, também, um valor atribuído pela sociedade para que atenda aos objetivos e às demandas dos diferentes grupos sociais, ou seja, é preciso que exista um universo de consumo disponível e socialmente aceitável por uma determinada classe (BOURDIEU, 2019).

Pensando sobre esse contexto, buscamos relacionar a teoria de Pierre Bourdieu com o voleibol para analisar o objeto em questão, o surgimento, a cultura local e a necessidade que permitiram criar o esporte, familiarizado no Brasil e em outros vários países. Em suma, este ensaio discute como ocorreu a “comercialização do objeto de consumo” voleibol no território brasileiro a partir de um olhar sociológico.

O VOLEIBOL: DOS EUA PARA O BRASIL

O voleibol teve sua origem nos Estados Unidos da América (EUA) em 1895, como um esporte inventado e praticado inicialmente em clubes, apresentava as características de um esporte moderno desenvolvido para suprir as demandas da sociedade da época (AFONSO, 2004). Segundo Foucault (1987) e Dantas (2007), uma das características que mobilizava a sociedade moderna e ainda repercute na sociedade hipermoderna são as ações em prol do capital, a partir de mecanismos ou estratégias para tornar os sujeitos seriais, singulares, respeitadores das normas e conscientes do seu lugar/posição no mundo social, como ressaltado anteriormente esse processo pode ser realizado por instituições que se utilizam de meios, como é o caso da prática esportiva, para controlar os sujeitos tornando-os funcionais e operacionais para a vida em sociedade segundo uma estrutura estruturada e estruturante por determinados grupos (BOURDIEU, 1996).

O idealizador desse “objeto de consumo” chamado inicialmente *Minonette* e, posteriormente *Volleyball*, foi William George Morgan, que o criou com a intenção de atingir o público nas faixas etárias de quarenta e cinquenta anos que demandavam uma prática motivadora, lúdica e mais suave que o basquetebol. Era jogado com uma câmara de bola de basquetebol, disputado em nove pontos em uma quadra separada por uma rede de 1,90 metros, com o passar do tempo, foram introduzidas outras maneiras de jogar sem perder a sua essência, inclusive em outros países como no Brasil que aderiu à prática na quadra, na areia e em estações de veraneio (MARCHI JÚNIOR, 2004).

O voleibol nasceu para suprir a necessidade de um grupo específico, poupando os “homens de negócio” dos contatos físicos ríspidos e das oscilações climáticas, permitindo aos praticantes uma atividade que atendia às demandas físicas e, também, garantia melhores resultados para o mercado (DANTAS, 2007). O objetivo inicial da prática estava centrado no lazer, os EUA tiveram discreta participação no esporte de rendimento, visto que, a primeira

vez que a seleção masculina norte-americana recebeu medalha de ouro e medalha de prata no feminino foi em 1984, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles (MARQUES JUNIOR, 2015).

Em princípio, a promoção desse esporte estava pautada na “recreação” como meio para a liberação das tensões causadas pelo trabalho exaustivo, o que corrobora com a afirmação de Afonso (2004, p. 2): “[...] nos EUA, os esportes modernos desenvolveram-se dentro de processos elitistas, primeiramente, no interior dos clubes ou associações”, ou seja, não passaram pelo processo de esportivização, como uma atividade de “passatempo” social que ao longo do tempo se constituiu como esporte (ELIAS; DUNNING, 1992), mas como uma prática inventada e criada para responder às necessidades de grupos específicos, deste modo “[...] os exercícios corporais da ‘elite’ estão separados das ocasiões sociais ordinárias às quais os jogos populares permaneceram associados” (BOURDIEU, 2019, p. 169). Segundo Bourdieu (2017), as práticas mais distanciadas do contato físico com o adversário são as mais estetizadas, nas quais a violência é menor, a forma e a formalidade prevalecem em relação à força e à função.

Em síntese, o voleibol parecia incorporar os interesses de uma determinada classe dominante, as regras, a quadra e a maneira de jogar, foram desenvolvidas para servir à disposição estética elitista (isto é, uma dimensão distante e segura dos indivíduos com relação ao mundo), que naquela época demandava a inserção de investimentos sobre o corpo, fisicamente e mentalmente saudável. Afinal, foi um momento de crescente ênfase no esporte e na Educação Física como forma de prevenção para uma vida saudável (DANTAS, 2007), sumariamente:

Pela origem do Voleibol e palavras de Morgan referentes aos objetivos e ao público a ser atingido pela modalidade, percebemos fundamentalmente que o esporte nasceu respeitando as necessidades de uma elite, qual seja, a elite clubística cristã. Em momento algum encontramos nos escritos de Morgan alguma menção à popularização do esporte ou que o Voleibol fosse uma prática desenvolvida além-clubes. Esse processo ocorreu posteriormente, não se sabe se em concordância com os preceitos iniciais de seu criador (MARCHI JÚNIOR, 2004, p. 82).

Nessa perspectiva, podemos compreender que o processo de criação e consolidação do voleibol obteve sucesso, pois havia um grupo de elite praticante ocupando uma posição privilegiada no espaço esportivo e no tempo social propício para estabelecer relações que impulsionaram a prática do esporte em outras instâncias sociais, caso contrário, provavelmente o voleibol encontraria dificuldades para alcançar as dimensões além dos clubes daquela época.

Esse sistema de disposição e distinção durou até que houve a popularização e este esporte chegou a todos os ambientes e culturas, inclusive nos programas de Educação Física escolar da sociedade norte-americana, ao perceberem que o voleibol apresentava um perfil formativo social (MARCHI JÚNIOR, 2004). Foi devido aos núcleos internacionais da Associação Cristã de Moços (ACM) que o voleibol se espalhou para os mais diversos países, inclusive para o Brasil (MEZZARROBA; PIRES, 2011).

Podemos supor que, ao longo do tempo, foi superado o interesse dessa classe dominante pela exclusividade da modalidade de voleibol abrindo espaço para outros públicos, como a escola e as forças armadas (instituição que conduziu o voleibol para outros países), ou então, houve a ruptura dessa estrutura reguladora da prática pelo processo de desenvolvimento da sociedade, com o surgimento de uma nova realidade social, econômica e educacional no país de origem.

Direcionando nosso olhar para a realidade brasileira, a prática desse esporte foi documentada pela primeira vez em 1915, no Colégio Marista de Recife-Pernambuco e/ou na

Associação Cristã de Moços (ACM) de São Paulo, no ano de 1916 (BIZZOCCHI, 2004). Apesar dessa controvérsia em relação à primeira exibição do voleibol no país, é possível perceber que este esporte chegou por instituições reservadas a classes específicas, o que se assemelha com a análise realizada por Bourdieu (2019) ao verificar que o esporte, por um longo período de tempo, esteve reservado à elite da época e ocorria nos ambientes escolares, já que eram espaço distantes dos interesses materiais e estavam inclinados às necessidades de uma restrita classe.

Retornando para a perspectiva do voleibol brasileiro, somente após 20 anos da sua chegada, este esporte teve uma pequena repercussão, visto que poucos clubes aderiram à sua prática de imediato (OLIVEIRA, 2019). Segundo Marchi Júnior (2004, p. 130), “[...] o clube sempre foi referência e tradição na manifestação do esporte amador em várias modalidades”, no caso brasileiro os clubes que incluíram o voleibol no quadro esportivo eram de grande porte, destacando os clubes do Fluminense, do Botafogo e do Flamengo (MARCHI JÚNIOR, 2004). Vale ressaltar que o primeiro torneio de voleibol foi realizado em 1923 pelo clube Fluminense (MARQUES JUNIOR, 2012) e, curiosamente, o voleibol se associou aos clubes de futebol, principalmente aqueles que conservavam os principais ídolos esportivos nacionais (MARCHI JÚNIOR, 2001).

Deste modo, podemos notar que apesar da prática ter ocorrido inicialmente na escola, o desenvolvimento do voleibol no território brasileiro foi similar ao contexto de sua origem (nos EUA), estando vinculado aos interesses clubistas elitistas, portanto, a modalidade no país não iniciou oficialmente na escola, e sim nos clubes esportivos, como enfatizado por Marchi Júnior (2004, p. 107): “Essa instituição possui em seu quadro de associados agentes dotados de determinado perfil social, composto e construído à base do respectivo potencial de capital social, econômico e cultural, capaz de enfatizar posições e distinções de classe”.

Simultaneamente, com a prática do voleibol ocorrendo nos clubes vieram as primeiras equipes de rendimento, compostas por um grupo seletivo e homogêneo em busca de resultados, afinal, o interesse dos clubes privados dificilmente estaria na massificação do esporte ou no processo educativo, visto que o retorno lucrativo (econômico e simbólico) a curto prazo se encontrava no esporte de rendimento e os setores educacional e social atraíam pouco interesse dos grupos dominantes. O que corrobora com Dantas (2007), ao afirmar que nas sociedades modernas e hipermodernas o lucro mobiliza e estrutura as ações humanas, principalmente, o corpo tornando-o sujeito aos interesses e às estratégias das classes dominantes, detentoras de maior poder, esse domínio sobre o corpo simboliza a disciplina exercida para torná-lo dócil e, conseqüentemente, útil, servindo ao propósito do mercado (FOUCAULT, 1987; SABOT, 2017).

Para exemplificar, pensamos na disciplina corporal ensinada no treinamento esportivo, com posições específicas, precisão de gestos, maneiras de se comportar, inclusive, as penalidades sofridas por aqueles que não agem conforme o previsto. São exemplos possíveis do funcionamento desse sistema arbitrário legítimo que tende a “naturalizar”, isto é, incorporar um traço cultural e eternizar modelos de comportamento, assim como, criar mecanismos para desqualificar tudo aquilo que se distancia do padrão imposto (BOURDIEU; PASSERON, 2014; BOURDIEU, 2017).

Ainda segundo Marchi Júnior (2004), o voleibol alcançou a posição de esporte popularizado no país, como o basquete e o futebol, contudo, houve alguns percalços no caminho do rendimento e do esporte amador, especificamente, nos anos de 1960 e 1970, quando as equipes de desempenho encontraram dificuldades para se inserir nas competições internacionais devido à ausência de intercâmbio e experiência com equipes de alto nível, que conduziram a resultados pouco expressivos. E não era só isso, no esporte amador havia uma parcela significativa de alunos participando das competições escolares, mas após o término dos jogos ocorria uma diminuição considerável nos treinos em função das limitações

encontradas nas instituições escolares, conseqüentemente, os alunos que apreciavam a modalidade e vislumbravam uma carreira esportiva tinham que buscar os clubes de acesso restrito (MARCHI JÚNIOR, 2004), se tornando um empecilho para os não associados.

Foi o que ocorreu com o ex-atleta da seleção brasileira de voleibol Serginho ao tentar ingressar em vários clubes, mas que na época o reprovaram. A explicação para este fato não estava apenas na ausência de padrão motor, mas nas diferenças sentidas pelo atleta evidenciadas em sua biografia: “[...] a gente percebia, muitas vezes, que havia preconceito racial e social” (SANTOS; BORTOLETTO, 2017, p. 30).

Somente nas décadas subsequentes, 1970 e 1980, com relativa influência dos resultados positivos das equipes brasileiras e das mudanças na política esportiva do país que assumiu o papel de financiador de projetos sociais e balizador da política social (OLIVEIRA; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2021), as federações começaram a investir na formação de técnicos e atletas, promovendo cursos ministrados por técnicos renomados mundialmente, e não eram apenas as federações, os investimentos vieram também das iniciativas privadas e dos órgãos governamentais (MELLO, 2006). Com esse rápido desenvolvimento da modalidade, no que se refere ao aspecto econômico, houve a necessidade em considerar três frentes para o voleibol brasileiro. Segundo Marchi Júnior (2004, p. 95), a Federação Internacional de Voleibol (FIVB) estruturou o esporte da seguinte maneira:

A inserção do Voleibol nos sistemas educacionais, a qual denominamos escolarização da prática; a divulgação do Voleibol nas mais diversas esferas da sociedade, entendida como processo de massificação; e, estrategicamente, o envolvimento do esporte com as possíveis instâncias de suporte financeiro e promocional, ou seja, a incursão da mídia e suas interpenetrações, denominado espetacularização do esporte.

Esse pequeno avanço não garantia ao Brasil ser uma potência no voleibol, mas o esporte deixava de ser amador para se profissionalizar, com equipes bancadas por grandes empresas: Alântico/Boavista, Pirelli, Supergasbras, por exemplo. Foi a partir de um vice-campeonato mundial e de uma medalha de prata olímpica que se promoveu o vôlei na mídia e se ampliou o número de patrocinadores (SANTOS; BORTOLETTO, 2017), bem como de torcedores.

Com isso surgiram os personagens, um exemplo foi quando um time pintou o cabelo de vermelho e alguns jogadores raspam a cabeça, atitudes raras no voleibol, mas que atraíam o público. Segundo Santos e Bortoletto (2017, p. 65):

São tantas as normas disciplinares, impedindo que técnicos e atletas façam qualquer tipo de crítica, que o resultado são personagens cada vez mais calados no mundo do vôlei. E o esporte, você sabe, não é feito só de técnica e grandes jogos. Para ganhar mais popularidade e conquistar o coração do torcedor, precisa de grandes personagens.

Logo, o voleibol ingressou nos canais televisivos atraindo o interesse de iniciativas privadas pela profissionalização do esporte, o que se refletiu na categoria de base. Sobretudo, quando a seleção masculina conquistou a medalha de ouro olímpica e o voleibol brasileiro alcançou a posição entre as quatro melhores seleções do mundo no ano de 1992, seguido da vitória no Grand Prix em 1994 pela seleção feminina e, por conseguinte, da conquista pela medalha de bronze nas Olimpíadas de 1996 (MELLO, 2006).

O voleibol caminhava para o desenvolvimento do fenômeno econômico pelo processo midiático. Na década de 1990, o crescimento no número de eventos e de pessoas consumindo o esporte foi comum entre os esportes brasileiros que passaram a ver uma oportunidade de

negócio (MEZZADRI; SONODA-NUNES, 2021). No caso do voleibol, as transformações nas regras e no tempo de jogo ocorreu, em grande parte, pelas adequações necessárias às transmissões feitas pelos canais televisivos, ao passo que fortalecia o processo de espetacularização e massificação do esporte (MEZZARROBA; PIRES, 2011). De fato, até os anos 2000, o voleibol se tornou “[...] um fenômeno esportivo, é de longe o segundo esporte mais praticado no país, perdendo apenas para o futebol, sendo praticado em todo país, nas escolas, clubes e em projetos sociais” (MELLO, 2006, p. 8).

Segundo pesquisa da Agência Brasil (2015), o voleibol continua sendo o segundo esporte mais praticado pelos brasileiros, concentrando 9,7% dos praticantes, ou seja, desde os anos 2000 o voleibol vem perdendo apenas para o futebol.

Dados do Diagnóstico Nacional do Esporte (Diesporte) indicam que, em resposta à questão “Quando você pensa em esporte, qual a primeira imagem que lhe vem à mente?” (OLIVEIRA *et al.*, 2016, p. 23), o voleibol aparece em segundo lugar entre as modalidades esportivas citadas, com 5,2% do total, ficando o futebol em primeiro lugar, com 48,3% (OLIVEIRA *et al.*, 2016).

De fato, esse esporte elitizado atualmente se encontra presente na vida de crianças e adolescentes de diferentes classes sociais, está presente nos bairros periféricos e centrais, é ofertado por instituições públicas, privadas e não governamentais, muitas vezes associado a uma figura pública e, por vezes, parece ser a oferta de um produto antes da demanda capaz de solucionar várias problemáticas sociais (BOURDIEU, 2019). O sentido e a significação social do voleibol deixam de ser a massificação esportiva, porém continua a envolver, ansiosamente, as instituições e agentes em prol do lucro (SÉRGIO, 2017).

DOS SENTIDOS E SIGNIFICADOS: A POSSÍVEL CONSTITUIÇÃO DE UM *HABITUS* NO VOLEIBOL BRASILEIRO

A partir da análise realizada utilizando como alicerce a Teoria de Pierre Bourdieu, desde a origem do voleibol, no âmbito internacional e nacional, a sua prática esteve condicionada às instituições e agentes específicos detentores de capital social, simbólico, econômico e cultural, que representavam a elite social e utilizavam o esporte como instrumento de consumo para o alcance do entretenimento, lazer e, posteriormente, como fonte de renda (profissionalização), restringido o uso da prática aos grupos de interesse e/ou àqueles que se sujeitassem às regras consagradas. Ficou evidente essa situação no Brasil, quando a instituição escolar oferecia a modalidade nas competições escolares, mas a profissionalização ocorria, restritamente, nos clubes elitistas, o que limitava a participação de todos.

O voleibol se consagrou na sociedade brasileira ganhando espaço nos clubes esportivos, o que se assemelha à origem da modalidade nos EUA, posteriormente, nas escolas, sem deixar de evidenciar características comuns, como: a especificidade da técnica, das posições, do modo de agir em quadra, inculcadas arbitrariamente por regras e normativas estruturadas por instituições que buscavam o mínimo contato físico, a técnica apurada e um grupo específico de praticantes envolvidos.

Esse fato nos provoca a pensar como o alcance do voleibol, além do espaço escolar, estava ou supostamente se encontra a cargo de regras, normas e disciplinas corporais com o intuito de tornar o corpo e o comportamento eficientes aos interesses econômicos e simbólicos das classes detentoras de maior capital, ou seja, de poder na estrutura social.

E vislumbrando a realidade educacional e esportiva brasileira encontrada nas escolas e nos projetos sociais, seja de ordem pública ou privada, o esporte como produto pode adquirir inúmeros objetivos institucionalmente impostos, isto é, um “sentido prático”, como:

preparação para o mercado de trabalho, cidadania, valores sociais, formação de atletas etc., que influenciará na formação dos alunos e, conseqüentemente, em seu comportamento, marcado como aceitável ou não socialmente (diante das normativas institucionais arbitrariamente impostas).

Em síntese, os agentes e instituições, quais sejam, se encontram em um sistema relacional regido por normas, uma via de mão dupla, ao passo que as ações influenciam na estrutura e a estrutura influencia no comportamento, nem sempre consciente desse movimento que perpetua a cultura de uma classe ou os interesses de um grupo específico, carregado de valor e comercializado para movimentar ou manter determinados agentes no poder. Ao longo do tempo, essa estrutura predisposta a funcionar conforme as demandas de grupos específicos, tem se fortalecido e adquirindo sentidos e significados que indicam a existência de um possível *habitus* em construção (ORTIZ, 2003).

REFERÊNCIAS

- AFONSO, G. F. **Voleibol de praia**: uma análise sociológica da história da modalidade (1985-2003). 2004. 233 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/636>. Acesso em: 29 maio 2022.
- AGÊNCIA BRASIL. Brasileiros tornam-se sedentários antes dos 34 anos, aponta pesquisa. **Folha de São Paulo**, 22 jun. 2015. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1646253-brasileiros-tornam-se-sedentarios-antes-dos-34-anos-aponta-pesquisa.shtml>. Acesso em: 9 abr. 2021.
- BIZZOCCHI, C. C. **O voleibol de alto nível**: da iniciação à competição. Barueri: Manole, 2004.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2017.
- BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- DANTAS, E. **A Produção biopolítica do corpo saudável**: mídia e subjetividade na cultura do excesso e da moderação. 2007. 211 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/14546>. Acesso em: 29 maio 2022.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MARCHI JÚNIOR, W. **“Sacando” o voleibol**. São Paulo: Hucitec; Ijuí, Rio Grande do Sul: Unijuí, 2004.
- MARCHI JÚNIOR, W. **“Sacando” o voleibol**: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000). 2001. 282 p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/teses/Marchi_Junior_Tese.pdf. Acesso em: 29 maio 2022.

MARQUES JUNIOR, N. K. A contribuição norte-americana para o voleibol. **Revista Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 20, n. 203, 2015. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd203/a-contribuicao-norte-americana-para-o-voleibol.htm>. Acesso em: 28 fev. 2022.

MARQUES JUNIOR, N. K. História do voleibol no Brasil e o efeito da evolução científica da educação física brasileira nesse esporte. **Revista Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 17, n. 170, 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd170/historia-do-voleibol-no-brasil.htm>. Acesso em: 15 nov. 2020.

MELLO, D. C. S. **O impacto do Centro Rexona-Ades de Voleibol em crianças de escolas públicas de Curitiba**. 2006. 36 p. Monografia (Graduação em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/47006>. Acesso em: 29 maio 2022.

MEZZADRI, F. M.; SONADA-NUNES, R. J. (org.). **Gestão e governança do esporte brasileiro**. Francisco Beltrão: Berzon, 2021.

MEZZAROBBA, C.; PIRES, G. L. Breve panorama histórico do voleibol: do seu surgimento à espetacularização esportiva. **Atividade Física, Lazer & Qualidade de Vida: revista de educação física**, v. 2, n. 2, p. 3-19, 2011. Disponível em: <https://refisica.uea.emnuvens.com.br/refisica/article/view/16/pdf>. Acesso em: 7 mar. 2022.

OLIVEIRA, A. F. S.; MUSSINO, A.; DA COSTA, L. P.; NASCIMENTO, R. C. (org.). **Diagnóstico Nacional do Esporte (Diesporte)**. Caderno 2. Ministério do Esporte, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5996073/mod_resource/content/1/Diesporte%20Minist%C3%A9rio%20do%20Esporte%202015%202.pdf. Acesso em: 3 fev. 2022.

OLIVEIRA, A. W. F. **Voleibol na adolescência e o desenvolvimento do autodomínio emocional: dilemas dos contextos curriculares e extracurriculares na ação pedagógica do professor de educação física**. 2019. 129 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/4239>. Acesso em: 29 maio 2022.

OLIVEIRA, A. W. F.; SOUZA, D. M.; MARCHI JÚNIOR, W. O desenvolvimento histórico dos projetos sociais esportivo: reflexões sobre as transformações políticas, sociais e educacionais brasileira (1970-1990). **Corpoconsciência**, v. 25, n. 3, p. 94-109, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.51283/rc.v25i3.12628>. Acesso em: 26 abr. 2022.

ORTIZ, R. (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

SABOT, P. O que é uma sociedade disciplinar? Gênese e atualidade de um conceito, a partir de Vigiar e Punir. **Doispontos: Revista dos Departamentos de Filosofia da Universidade Federal do Paraná e da Universidade de São Carlos**, v. 14, n. 1, p. 15-27, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/dp.v14i1.56536>. Acesso em: 26 nov. 2020.

SANTOS, S.; BORTOLETTO, D. **Degrau por degrau: a trajetória de Serginho, de Pirituba ao Olimpo**. São Paulo: Planeta, 2017.

SÉRGIO, M. A Filosofia da Libertação e a alta competição desportiva. **Motricidades: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, v. 1, n. 1, p. 91-96, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.29181/2594-6463-2017-v1-n1-p91-96>. Acesso em: 29 maio 2022.

SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. Bourdieu e a sociologia do esporte: contribuições, abrangência e desdobramentos teóricos. **Tempo Social**, v. 29, n. 2, p. 243-286, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.106962>. Acesso em: 22 nov. 2020.

Recebido em: 29 maio 2022.

Aprovado em: 21 ago. 2022.